

BARBOSA, Raoni Borges. Imagens, emoções e moralidades: interfaces e aproximações teóricas. RESC Revista de Estudos SocioCulturais, v1., n.2, dezembro de 2021, p. 94-103, ISSN (Em Solicitação).

IMAGENS, EMOÇÕES E MORALIDADES: INTERFACES E APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Images, Emotions and Moralities: interfaces and theoretical approaches

Raoni Borges Barbosa¹

O presente ensaio teórico e fotográfico, intitulado *Imagens, Emoções e Moralidades*, aborda de forma ampla a interface das áreas que propõe problematizar.

Pretende, deste modo, apontar formas de enquadramento acadêmico multifacetado e interdisciplinar de pesquisas pautadas na construção imagética, imaginária e simbólica do argumento etnográfico sobre o real percebido enquanto gramática moral e emocional circunstancialmente capturada no exercício de ver. Os textos e contextos sociais percebidos pelo olhar individual e coletivo revelam emoções e moralidades específicos de uma cultura emotiva e moral (BARBOSA, 2019), bem como informam modos de racionalidade e de justificação ideológica (GEERTZ, 2012) e revelam os vocabulários de motivos (WRIGHT MILLS, 2016) próprios dos processos de definição, enquadramento, interpretação e negociação do social em suas formas subjetivas e objetivas sérias e lúdicas (GOFFMAN, 2010, 2012 e 2012a).

As emoções, - enquanto sentimentos situacionalmente mobilizados em linguagens culturalmente reconhecidas pelos interactantes, - bem como as moralidades, - na medida em que constituem projeções tacitamente aceitas das normalidades, das limitações e das legitimidades dos vínculos relacionais e simbólicos operados pelos sujeitos morais e expressivos do grupo, do contexto ou sociabilidade, - são, então, momentos analíticos fundamentais à problematização teórica em regimes de evidência, de visualidade e de plasticidade. Emoções e moralidades, nesse sentido, podem ser entendidas como as dimensões ativas do olhar espectador da *imagem produto* e do olhar criador e interventor da *imagem processo*. Pois que o olhar, enquanto forma de atuação no mundo, atualiza

¹Mestre e Doutor em Antropologia. Pesquisador PNPD do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN. Vice-coordenador do GRUESC/UERN. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN. Foi Professor Visitante da UERN (2019-2021). Pesquisador do NEABI/UERN, do GEPLAT/UERN, do BITs/UERN e do NAVISUAL/UFRN. Editor da RESC. E-Mail: raoniborgesb@gmail.com.

o self em sua capacidade criativa e reflexiva de comunicação de sentidos, experiências e projetos.

Como pensar, então, as emoções e as moralidades desde as imagens, isto é, desde o exercício de enquadrar complexos visuais em sentidos sociais comunicáveis? E como comunicar descrições densas, agregados estatísticos e abstrações críticas e reflexivas sobre culturas emotivas e montagens morais tradicionais, contratuais, efêmeras, tácitas, impositivas, individualizantes, engolfadoras enquanto argumento imagético? E, não menos importante, como acessar as emoções e as moralidades de uma cultura emotiva e moral expressas nas imagens cotidianas e paradigmáticas do nosso mundo virtualizado e globalizado de e por hipertextos carregados de imagens? Estas questões possivelmente suscitadas no exercício de teorização sobre *Imagens, Emoções e Moralidade* orientam a discussão desse ensaio e destas breves aproximações teóricas.

Em paralelo aos estudos no âmbito das Emoções, Fassin e Lézé (2013) destacam a emergência, nas últimas décadas, de uma retórica social e acadêmica que enfatiza o fenômeno moral na ação, na interação, na instituição e na estrutura social. O comportamento moral, a prestação de contas, a busca pela verdade, o mercado justo, a solidariedade e ética pós-humana, o ecologismo, as guerras humanitárias, as vítimas legítimas, a bioética, os direitos humanos, os debates públicos sobre abusos de direitos das crianças e das minorias, entre outros, compõem o amplíssimo leque temático de preocupações em torno da Questão Moral em Ciências Sociais e Humanas.

O fenômeno da colonização moral e moralista do público, em discursos e práticas, por expectativas, preocupações e dúvidas a respeito da Moral e das Moralidades (o que é legítimo, justificável, bom, bem, mal, mau... no comportamento humano?), irrompem, desta forma, nos estudos mais corriqueiros e ordinários sobre a circulação de ideologias, de elites, de projetos políticos e de cruzadas simbólicas na Sociedade Complexa Global e Informacional. Por outro lado, persiste a dificuldade cognitiva e política da Antropologia em resolver-se quanto à Questão Moral: relativismo cultural ou universalismo, cruzada moralizadora ou direito natural são questões não resolvidas no escopo das divagações e elocubrações teóricas sobre a alteridade. Fabian (2013), Gell (2014) e Wagner (2012), contudo, insistem que a Antropologia permite um distanciamento espacial e temporal, crítico e teórico em relação à Questão Moral, desde que esta seja devidamente posta como fenômeno sui generis, tal como a Religião, o Parentesco, a Política, a Economia, o Direito e outros empreendimentos morais e cruzadas simbólicas já consolidados (GUSFIELD, 1986) como narrativas públicas.

A Questão Moral, assim, diferentemente da Questão Subjetiva, aparece com muito mais força nas preocupações das Ciências Sociais e

Humanas. Durkheim (1995 e 1996), por exemplo, integra o fenômeno da Moral no âmbito do Social, da relacionalidade regulada por estatutos públicos de coação positiva e negativa, enquanto Boas (BARBOSA, 2016) integra a Moral na dimensão da Cultura, isto é, da estrutura simbólica em que uma sociabilidade se auto-espelha como narrativa deontológica. Simmel (1999, 2005, 2006 e 2013), por seu turno, distingue entre as esferas axiológicas do moral/legítimo (que compreende os valores e princípios da ação social), do legal (que abarca a tecnologia social de imputabilidade de condutas e respectivas sanções), e do costumeiro (que informa o repertório cotidiano traidado de navegação social). A Questão Moral, em sua vasta trajetória nas Ciências Sociais e Humanas, pode ser vista desde propostas de coletivismo metodológico ou de individualismo metodológico, perfazendo, de acordo com Fassin e Lézé (2013) três paradigmas éticos e teórico-epistemológicos: o paradigma ético do dever; o paradigma ético da virtude; o paradigma utilitarista. Estas formas de apreensão da Questão Moral, com efeito, revelam toda uma ampla discussão em torno de como a cultura euroamericana percebe a si mesmo e ao outro.

O exercício de etnografar em imagens complexos moral-emocionais interacionais urbanos implica no confronto do pesquisador com os jogos de cena e com as imagens da normalidade normativa e emocional de uma cultura emotiva. A materialidade da cultura, porém, afirma não somente os momentos ordinários e platôs morais e emocionais de uma sociabilidade histórica, mas também visualidades transgressoras e desestabilizadoras, ainda mais quando se trata do mundo social marcado pela epistemologia euroamericana do *ver* como produção empírica de verdade, de evidência, de prova e de confirmação. Nesse sentido, a ação social, - entendida a partir de Giddens (2018) como ação prática, como ação discursiva e como racionalização discursivo-imagética da ação, - transparece, entre outros, nas habilidades cotidianas de manipulação da língua e da atitude natural, dos idiomas do corpo, das fachadas situacionais e da relatabilidade lógica e sociológica do mundo social, isto é, nas capacidades moral-emocionais e cognitivo-comportamentais do membro do grupo que se expressa. Se por um lado, contudo, a natureza indicial, arbitrária e linear da *Língua verbalizada* e as barreiras narrativas em face do indizível, do impronunciável, do hipercomplexo, do confuso, do vergonhoso e estigmatizado, estão sempre presentes na ação discursiva e na ação prática, pode-se dizer, por outro lado, que estas são matizadas e mesmo compensadas pela natureza polifônica, imediata, anônima, subjetivista e catártica da *Imagem pública* enquanto exercício reflexivo de racionalização da ação.

A força das imagens, portanto, realiza a comunicação de um complexo moral-emocional e cognitivo-comportamental que conjuga a ação prática,

a ação discursiva e a racionalização discursivo-imagética da ação em uma proposta de emblematização do sentir-definir a situação e o contexto de forma bastante distinta do modo linear, mediato e sequencial dos regimes de fala. As imagens, assim, têm uma força peculiar de mobilização subjetiva das estruturas simbólicas e de provocação aos sistemas relacionais, uma vez que irrompem no mundo social como simbolização do discurso interdito (de medo, de vergonha, de ressentimento, de engolfamento positivo ou negativo), da racionalização hipercomplexa, da ideologia militante e, tal como se popularizou na cultura pop dos últimos cem anos, do relato confessional do si-mesmo (BUTLER, 2015). As imagens, nessa lógica compreensiva, são projeções sentimentais cristalizadas no traço simbolizado que compõe paradigmas discursivo-ideológicos e são enquadres do que se quer ou não como uma vida correta, digna e publicamente aceitável em uma cultura emotiva específica.

Uma cultura emotiva e moral se caracteriza, por sua vez, como lugar de pertença e de realização de projetos, mas também como lugar de medos e de envergonhamento, de modo que o conceito de cultura emotiva abarca as cadeias de interdependência (ELIAS, 1994) e as teias de significado (GEERTZ, 2012) construídas nos processos intersubjetivos cotidianos, muitos deles opacos e surpreendentes para os próprios membros do grupo, cujas ações práticas e discursivas não sempre podem se escorar em racionalizações verbais conscientes da própria atuação no mundo social. Os indivíduos sociais, assim, enquanto subjetividades munidas de mapas cognitivos-comportamentais e moral-emocionais que permitem leituras e visões de mundo em um lugar de fala próprio, mas sempre cultural e socialmente satisfeitos, recorrem à força da imagem, das memórias e da tradição para a mobilização de processos de estabilização moral e emocional ótima do próprio self em regimes diferenciados e diversos de pertença. A pertença (BARBOSA, 2019), como emoção basilar de uma cultura moral e emotiva, é o lócus social da manifestação da normalidade normativa e do exercício de semelhança e de dessemelhança nos processos de formação de individualidades, de registros únicos de experiência no social e na cultura e de significação mediante trocas materiais e simbólicas entre as culturas subjetivas localmente situadas.

A proposta da Antropologia das Emoções e das Moralidades, aqui tensionada e enriquecida ainda mais pela Antropologia das Imagens, é problematizar a construção de universos simbólicos na relação entre indivíduo, cultura e sociedade. A conformação do self individual, - da subjetividade do indivíduo social, - se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva e moral, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal. Esta proposta de abordagem compreensiva de uma cultura emotiva e moral

aponta para as ideologias mobilizadas no jogo simbólico-interacional, bem como para os empreendimentos morais daí derivados. No entender de Geertz (2012, p. 133):

A ideologia, porém, nomeia a estrutura das situações de maneira tal que revela em sua atitude um compromisso com elas. Seu estilo é ornamental, vívido, deliberadamente sugestivo; objetificando o sentimento moral [...] ela procura motivar a ação. [...] a ideologia é a dimensão justificadora, apologética – refere-se “à parcela da cultura que se preocupa ativamente com o estabelecimento e a defesa dos padrões de crença e valor”.

A ideologia implica, nessa lógica argumentativa, em uma complexa rede de sentidos que abarca noções públicas sobre o indivíduo, a própria cultura, as instituições e a sociedade, a natureza, a sobrenatureza, as razões existenciais de cada ator e agente social em sua comunidade, entre outros. O discurso ideológico, nesse sentido, reveste-se sempre de uma enorme e densa plasticidade. O aspecto visual, performático imprime um forte apelo à narrativa ideológica, que, assim, opera modos de subjetivação específicos ao comunicar sentimentos morais em pacotes publicamente aceitos e individualmente palatáveis de informação. As ideologias, portanto, aparecem como uma oportunidade fecunda para o estudo das Emoções e Moralidade em regimes de visualidade, evidência e plasticidade.

O conjunto de imagens abaixo tensionadas em forma de breve narrativa, isto é, de sequencialidade discursiva que remete a uma montagem moral-emocional efervescente e ideologicamente densa, elenca sete cenas de um protesto político realizado no último dia 07 de setembro de 2021, na cidade de Mossoró-RN, por ocasião da comemoração dos 199 anos da Independência do Brasil e em protesto ao atual governo federal e sua desastrosa gestão da pandemia da Covid-19. Na medida em que apelava para a desestabilização de um olhar cínico, - no entender do Didi-Huberman (1998, 2019), - o protesto político aqui retratado atualizava toda uma linguagem ideológica nacional de símbolos e vocabulários de motivos de confrontação ideológica e de pautas de políticas públicas. É justamente para esta provocação moral-emocional, que ao mesmo tempo é um relato confessional do si-mesmo desdobrado em afetos e um alerta público para o desconforto moral em ideologias e temporalidades em disputa, que o recorte imagético deste ensaio chama a atenção, mais uma vez no sentido didi-hubermaniano de que as *imagens ardem no contato com o real*:

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 11).

Fica evidenciando, então, o estatuto epistemológico complexo da imagem, uma vez que transcende o mero testemunho ingênuo em sua ardência em contato com o real, pois é simultaneamente uma expressão de conhecimento e de desconhecimento. A imagem, portanto, evoca, em sua montagem sintomática, intencionalidades, sobrevivências, verdades rememoradas e impossibilidades de retorno à experiência anterior. A linguagem densa e enigmática em imagens, portanto, conjuga as questões sociais e culturais clássicas da moral e das emoções, haja vista que o ato de ver somente se realiza no abrir-se em dois, na bifurcação do olhar e do ser olhado (ser impactado, ser afetado) como fundamento da opticidade. Esta cisão do olhar é produzida no choque com o volume e o vazio dos corpos que remete ao si mesmo que olha e é olhado. A inelutável modalidade dialética do visível, que enfatiza Didi-Huberman (1998, 2019), aponta, assim, para a disputa jamais resolvida entre interior – exterior, superfície – profundidade, revelação – segredo, tangível – incrustado, que implicam em uma fenomenologia da percepção em que olhar – tocar – compreender não pode ser dissociado do ser olhado – ser tocado – estar situado.

Em síntese, então, pode-se afirmar que o olhar constitui a exterioridade (objetividade) e a interioridade (subjetividade) do mundo individual situado. Esta coercitividade ontológica do ato de ver, - sempre conectado às feridas, perdas e ausências da subjetividade que olha em jogo dialético com a sociedade e a cultura que olha de volta, - é sintomática ao se realizar na diferença entre os vestígios, traços e ruínas que o olhar produz e a imagem, objeto ardente, que provoca experiências e evoca vivências muitas vezes intraduzíveis na linearidade opressiva da linguagem verbalizada. Nesse sentido que o ato de ver, - uma bifurcação do olhar e do ser olhado, - pode expressar-se cinicamente na obviedade dos volumes e vazios que distingue, negando o ser olhado pela situação social e cultural postas; como também pode comunicar narrativas míticas que aprofundam a experiência do ato de ver no ser olhado pelo turbilhão de sentidos possíveis no objeto ardente da imagem. Este olhar mítico é o sugerido nas imagens abaixo elencadas!

Imagens 1 e 2: À esquerda, recorte visual de fotógrafos simpatizantes do protesto em processo de captura de imagens síntese do evento. À direita, grupo de jovens com suas latas estilizadas para a marcação e animação da marcha do protesto. Destaca-se, em ambas as imagens, a importância da fachada coletiva do grupo e do idioma corporal individual como marcador da pertença e da ideologia performatizada para o público.



Fonte: Material retirado de grupos de WhatsApp de participantes do protesto político, no dia 07.09.2021.

Imagens 3 e 4: À esquerda e à direita, manifestantes exibem bandeira e placas, respectivamente, com palavras de ordem contra o atual governo federal. O uso de cores quentes reforça o gestual imperativo.



Fonte: Material retirado de grupos de WhatsApp de participantes do protesto político, no dia 07.09.2021.

Imagens 5, 6 e 7: De cima a baixo seguem três recortes visuais dos agrupamentos políticos de jovens presentes no protesto político, na maioria estudantes. A imagem 5, acima, destaca militantes do PCB; a imagem 6, no centro, apresenta militantes jovens do PT, da Kizomba e do Movimento Negro; a imagem 7, abaixo, mostra a participação do movimento LGBTQIA+ com sua bandeira arco-íris e em gesto de luta por reconhecimento. Mais uma vez destacam-se o idioma corporal individual em conformidade com a fachada ideológica do grupo, demarcando um lugar de pertença e de exercício performático do self militante que ocupa espaços estratégicos da cidade e provoca a atenção do público.





Fonte: Material retirado de grupos de WhatsApp de participantes do protesto político, no dia 07.09.2021.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raoni Borges. “A proposta culturalista boasiana para a Antropologia”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 15, n. 44, p. 82-94, 2016.

BARBOSA, Raoni Borges. Emoções, lugares e memórias: um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel. Edições UERN: Mossoró, 2019.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-2019, nov. 2012.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins fontes, 1995.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FABIAN, Johannes. O Tempo e o Outro: Como a Antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013.

FASSIN, Didier & LÉZÉ, Samuel (Org.). La question morale. Une anthologie critique. Presses Universitaires de France, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GELL, Alfred. A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIDDENS, Anthony. Problemas centrais em Teoria Social: ação, estrutura e contradição na análise sociológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GOFFMAN, Erving. Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012a.

GUSFIELD, Joseph R. Symbolic crusade: Status Politics and the American Temperance Movement. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade, In: S Jessé de Souza; Berthold J. Oëlze (Orgs.). Simmel e a modernidade. Brasília: Editora UnB, p. 109-117, 1999.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Mana, v.11, n.2, p. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SIMMEL, Georg. A tríade. In: Maria Claudio Coelho (Org. e Tradução). Estudos sobre interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 45-74, 2013.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WRIGHT MILLS, Charles. Ações situadas e vocabulários de motivos. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 15, n. 44, p. 10-20, 2016.